

Murmúrios dos cristais da escrita: uma experiência menor no Ateliê de Escrita do Hospital Psiquiátrico São Pedro

Murmurs of writing crystals: a minor experience in the Writing Workshop of São Pedro Psychiatric Hospital

Érica Franceschini; Tania Mara Galli Fonseca

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

RESUMO:

Este artigo se constitui em uma experiência cartográfica implicada com a criação e a invenção no campo da escrita. Atenta ao sensível, essa composição opera como um diário de bordo que virá abrir lacunas para dar a ver os afetos e as ressonâncias do vivido de nossa implicação, nesse caso com e no Ateliê de Escrita do Hospital Psiquiátrico São Pedro. Esse primeiro encontro, que será acompanhado como um processo tecido em um tempo múltiplo e inapreensível, ganha contornos de uma literatura menor costurada pelos paradoxos da loucura, indissociável do tempo que aproxima o Ateliê de Escrita, o pesquisador e o mundo. Inserir-se nesse território existencial é, assim, experimentar o singular que atua nos corpos como testemunhos de vidas.

Palavras-chave: Ateliê de Escrita; tempo; experiência

ABSTRACT:

This article constitutes a cartographic experience involved with the creation and invention in the field of writing. Aware of the sensitive, this composition operates as a logbook that will open gaps to give to see the affections and resonances of living of our involvement, in this case, the Writing Workshop of São Pedro Psychiatric Hospital. This first meeting will be followed as a tissue process in a multiple and an inapprehensible time, gains contours of a minor literature sewn by paradoxes of madness, inseparable from the time approaching the Writing Workshop, the researcher and the world. Be part of this existential territory is thus experience the unique, which operates in bodies like the lives of witnesses.

Key-words: Writing Workshop; time; experience

Alguns rabiscos. Escritas flutuantes de tantos universos, tantos textos grifados pelos contornos e traços que escapam, mergulhados em paradoxos cada vez mais límpidos e ao mesmo tempo, cada vez mais obscuros. Um texto que despenca por entre fluxos, frestas da incandescente existência da loucura, da impossível voz que brota do silêncio. Trata-se de ouvir, de cheirar, de sentir. Trata-se de traçar. Diante algumas

conexões; atrás, pensamentos e ruínas. E a constituição de um outro nós. Uma caneta, um tinteiro, um ou outro papel que faz tocar a música. Tilintam os copos, imitam os corpos, algo de mortos, algo de vivos. Escuridão e meios, sons, santos, pajés. Um tema, uma trema, um livro qualquer. Do que nós estávamos falando mesmo? De canto ou encanto, sorte ou espanto, um pouco que escoar, uma ave que voa. E cá estamos, tentando inventar alguma coisa daquilo que já foi inventado pelo inverso do arquivo: uma experiência, quem sabe, uma experimentação, talvez, um canudinho furado irrigando a imaginação. Fragmentos, apenas.

Cristaleiras

De quando em quando, algum cálice retinia numa cristaleira como se uma voz gigante tivesse gritado tão alto na sua agonia que os copos que estavam numa outra cristaleira também vibravam (WOOLF, 2013: 31).

De quando em quando é preciso dar voz à cristaleira esquecida no canto da sala. É preciso ouvir além. É preciso transitar pela cristaleira que habita a fronteira do cristal e do espaço: colocar-se diante dela, encher-se de areia, mover-se entre. É preciso precisar de sutilezas, experimentar uma escuta que se lança à poesia sem voz, que encosta seus grãozinhos nas ressonâncias; e então, finalmente, pode-se ouvir alguma coisa. Precisar dos cristais é tocar a brisa, empurrando-a aos sonoros tilintares, como cantigas de ninar. Sua música agora já é de um passado e o eco presente já se lançou ao futuro. O tempo entrelaça-se nas amarras da experiência e se descobre em seu estado puro. Suas imagens atuais – presente – passam a coexistir com suas imagens virtuais, especulares – passado (DELEUZE, 2005). Uma dança se inicia. Em cima da mesinha de madeira de demolição apenas algumas partituras. Tempo-rec.

Na placenta ensanguentada, o tempo recém-parido traz à tona os cristais-imagens-das-diferenças; um outro nós que não nós mesmos aguça-nos ao estranhamento e quando damos conta estamos diante de outro agenciamento, disparando sentidos para todos os lados. Pensar em agenciamentos é, sem dúvida, pensar nas multiplicidades que compõem uma história, considerando que agenciar se refere a uma “noção mais ampla do que a de estrutura, sistema, forma, etc. Um agenciamento comporta componentes heterogêneos, tanto de ordem biológica, quanto social, maquínica, gnosiológica, imaginária” (GUATTARI; ROLNIK, 1986: 37); portanto, atrela-se à diversidade dos encontros e das vidas, extrapolando o território geográfico para

constituir territórios intensivos. Nesse ínterim, a diversidade da vida ganha um odor peculiar e as histórias dispostas no memorial da loucura desmancham-se em finas poesias contadas e cantadas pelos passos leves dos usuários que se infiltram no Hospital Psiquiátrico São Pedro (HPSP), localizado na cidade de Porto Alegre/RS; histórias contadas e cantadas por grupos de pesquisa, bolsistas, estagiários, funcionários, visitantes. Histórias disseminadas por expressivas forças de granada que pulverizam uma espécie de interminável lida testemunhal. Tempo-intempestivo.

Estando ali, poderíamos nos perguntar: o que dizem os corpos que passam? Tomados por certa vertigem proveniente da névoa acinzentada da história, o olhar vem sofrer torções, assim como as cenas do cotidiano começam a se modificar para abrir passagem, impelindo à outra busca que se faz no terreno fértil e arenoso das inquietações, terreno que impele o corpo a injetar novas veias ao sangue para acolher os paradoxos que insurgem no próprio corpo. Evocando novas veias, são vias que abrimos aos caminhos arenosos, ao mesmo tempo cristais, que encontramos na grande cristaleira-hospício. Ali, nosso propósito se aproxima à criação e não à supressão das vias, estas que aparecem como desvios, onde retiramos os excessos para deixar passar o intolerável, o incessante, o inefável. A abertura que se realiza, então, deixa ver um pequeno lugar de permissão à criação, lugar que chamamos de Ateliê de Escrita da Oficina de Criatividade do Hospital Psiquiátrico São Pedro (HPSP), lugar em que intentamos nos (des)ocupar, juntamente com as matérias de escrita que se soltam pelas paredes e azulejos arruinados pelo tempo, atualizados pelo agora. Tempo-sanguinário.

Uma veia atelial, entre as agulhas de Penélopes – no movimento de tecer e desmanchar – que tecem sempre o novo, insistindo em mudar o fio para não ter que esperar por Ulisses; estilística da criação. São mãos e pensamentos que navegam e viajam pelo ateliê de palavras, sons, imagens; atos gestuais tomados pelas insignificâncias que rodeiam os sujeitos, ultrapassando a simples tarefa de produção. Fios rápidos por deslizar pelos cristais da cristaleira que são frágeis, facilmente quebram e, por isso, habitam sempre uma zona de triz para a queda e a fratura. Tratamos de vidas frágeis, de uma estranha comunidade frágil e ao mesmo tempo potente para se reinventar. Talvez seja no deslize em uma micro ruptura que os artistas, denominados por Tania Mara Galli Fonseca (2014) “escritores-esquizados” (p.10), busquem o plano da expressão, seja do pensamento, do corpo ou do silêncio; cantar o outono pelas “árvores carecas” e colocar qualquer coisa no lugar de suas folhas. Tempo-criação.

O plano da expressão, diferente da representação, faz emergir a vida em toda a sua potência expressa pela experimentação das palavras que carregam, muito mais que um poema ou uma poesia, o percurso ilimitado do ser que ainda tem algo a dizer e que encontra, nesse ínfimo gesto, um possível de si com o mundo. Por isso, campo de expressão, o Ateliê de Escrita torna-se matéria-sopro, campo denso e sutil de implicações no qual nos permitimos desvios e ruínas, compondo um mundo análogo ao da criança que, através do brincar, forma seu mundo de coisas, incorrendo em tolice dos adultos elocubrar sobre a fabricação de objetos ditos apropriados a elas – às crianças (BENJAMIN, 1987: 18). Da mesma forma, seria tolice fabricar um ateliê obstinado ao “apropriado” da escrita; antes, fabricamos um lugar possível para acolher e deixar circular as singularidades, deixando vir à superfície o mundo formado por cada um. Nossa tarefa então, na esteira da implicação do cartógrafo, é a de narrar as experiências também experimentadas nesta paisagem cristal, nesta paisagem onde coexistem aranhas obstinadas que tecem suas teias em cantos íngremes do pavilhão quatro do HPSP, ratos que correm no pátio do velho prédio de cirurgia, pó amontoado sobre os inertes móveis que testemunham a história. Tempo-restos.

Tempos de um espaço em que as cristaleiras em algum canto da sala ainda fazem tilintar os cristais que, em algum dia e por um alguém, foram depositados como tesouro, quem sabe como herança recebida ou ainda quem sabe, para servir a mesa do almoço. Assim como esse “alguém”, pretendemos profanar os guardados cristais herdados para colocá-los como penhor de uma promessa de um por vir, dirigindo a herança de um passado para o seu culto e fidelidade, no entanto, de modo que sua transmissão possa se dar como contágio de algo diferente daquele que os silenciou em sua cela preciosa, guardiã de sua integridade. Gostaríamos de ver vidas como cristais do tempo, albergantes que são de potências esquecidas quando seu modo de produção como infames e loucas fez silenciar aquilo que também podiam em direção à crise e à crítica do saber e da inteligibilidade que o constituiu corpos-cristaleiras. Como acessar suas sutilezas e singularidades sem quebrá-los com os faróis emitidos pelas reluzentes painéis de aço com que cozinhamos nosso cotidiano?

Nesse espaço, nada nos resta senão tomar a forma dos filetes de vento e fazer vibrar as cristaleiras para escutar o tilintar da experiência que ecoa no Ateliê de Escrita, fazendo de nós também pesquisadores-cartógrafos-escritores-esquizes. Sentir o cristal vibrar em nós é deixar-se sangrar levando os restos para debaixo da espuma do mar que mancha a bússola, abrindo nosso coração-músculo aos “Gritos e Sussurros” (1972) de

Ingmar Bergman, para ecoar as mulheres e a morte. Múltiplas e singulares, gaguejam por sua mudez. Na verdade, o que temos na aproximação com o campo cartográfico é o imprevisível, em que passamos a “obedecer às exigências da matéria e de se deixar atentamente guiar, acatando o ritmo e acompanhando a dinâmica do processo em questão” (KASTRUP, 2010: 49). Tempo-cartográfico.

Um ritmo ao nosso gosto: gosto da cacofonia que destoa as vozes, gosto dos olhares perdidos buscando um outro quem sabe outro ser, gosto das malas penduradas nas costas levando um mundo todo seu, gosto do perigo dos *icebergs* e do organismo dos *ciborgues*, gosto um tanto da mistura de línguas, outro tanto da mistura das roupas, gosto dos cafés, do sono, da ceia, gosto dos jornais rasgados e das palavras soltas, gosto por soltar os cabelos, gosto de um carinho e de carrinho também, gosto de ursos polares e girafas africanas, gosto de tudo um pouco, mas será um pouco de nada, de cristal e de escrita que vamos encontrar aqui, pesquisa-ação, vivência escrita em um diário de bordo engajado com uma ficção que não deixa de falar a verdade. Tempo-desejo. E desejo que sempre incorre a um agenciamento (DELEUZE, 1997), pois não se deseja a coisa em si, tomada isoladamente de um mundo em que ela, como signo, nos revela como uma paisagem espectral que alimentamos em nosso desejo. Desejar sempre é agenciar mundos, é trazer, a partir de alguma coisa ou pessoa, um mundo que virá a ser desenrolado no encontro com ela, através da duração de um encontro. Tempo-desejo, pois, como desejo de um mundo separado de seus infernos, escolhido com todas as insuficiências da escolha e de seus possíveis fracassos. Desejar é correr riscos. Nunca se saberá a direção que nossa escolha, que nosso corte virá a produzir em nosso próprio destino. Ato de coragem e de risco, de desvelar as ruínas da cristaleira.

Modo de operar: diário de bordo

Vestígios, mergulhos, experiências. Encontro de potências, escrita afetiva, viva. Memória presente, atualizada, memória-devaneio. Registros sonoros, visuais, auditivos. Ressonâncias mnemônicas, ritornelos, repetições existencializantes (GUATTARI, 1980). Simulacro do caos: diários de bordo nada mais são que um rastro da experimentação, fragmentos que liberam linhas, arranjos de labirintos, histórias de desejos, processo insuspeito de criação: comigo, contigo, com eles. O “com” de uma experiência coletiva, mesmo que solitária na cristaleira-hospício, onde o vai e vem dos

corpos cristais deixa cair pelo caminhos pequenos vidrinhos que catamos como testemunho destes que passaram e que ainda permanecem.

Operar pelo diário de bordo nos faz catadores de cacos de vidro, destes cacos cristais que se fazem como imagem-cristal do tempo: cindido, em jorro entre passado e presente, abrindo futuros insuspeitos. Catadores, assim, destes restos que só se expressam em fragmentos e que, por já terem se quebrado, podem vir a sofrer um encantamento, ganhando um novo campo possível de visualidade. Operar por fragmentos é também dizer que estamos às voltas com ruínas que despencam enquanto escrevemos, enquanto acreditamos estar ao lado de inabaláveis muralhas. A verdade é que, desde sempre, estamos ao lado dos fantasmas, estes que sutilmente encobrem-se de poeira e espreitam a nossa chegada para libertar os silêncios deste seu passado, salvar o não dito que, no presente, desvela a possibilidade de abrir um outro futuro ali contido. Da poeira espectral que nos envolve, somos impelidos a acreditar que ainda há outras superfícies que aguardam e contêm a promessa de uma nova salvação, o registro da esperança de que passamos pelas ruínas, dando novos sentidos a elas, pois as experimentamos de outras formas, à medida em que também somos feitos delas, por uma espécie de caráter destrutivo onde “o que existe ele converte em ruínas, não por causa das ruínas, mas por causa do caminho que passa através delas” (BENJAMIN, 1987: 237).

Com isto, queremos dizer de um recuo à totalização de nossa apreensão da experiência. Nosso diário é lacunar, permeado pelo esquecimento, não é pretendente à reconstituição integral da experiência, sendo, assim, constituído por nosso próprio comando e expressando, ao final, aquilo que nossa atual inteligibilidade/sensibilidade nos permitiu ver e dizer sobre o que nos olha quando estamos no ato de experienciar o Ateliê de Escrita. O que nos olha carrega um vazio, um “entre” que vem a ser o que nos constitui, ao mesmo tempo que “o que vemos só vale – só vive – em nossos olhos pelo que nos olha” (DIDI-HUBERMAN, 2010: 29). Inefável trabalho que nos impomos, quando, diante dos fragmentos e das ruínas, é com a perda que nos deparamos, sendo justamente nesta perda que reencontramos as feridas da história que nos olha enquanto se abre em novas visualidades, novas superfícies que exigem uma subtração de nosso corpo organizado, dando a ver um instante de aparecimento seguido pelo fugidio desaparecimento dos sentidos. Neste agora-já que nos acontece na escrita e que nos remete a um outrora, já estaremos fora de nós próprios, em movimentos de pensamento que sondam as profundezas do mar da outra noite, da grande noite em que estamos

mergulhados, aquele em que não se dorme, em que não há repouso, e qual advêm aparições oníricas cristais, deslocadas e anacrônicas, fazendo emergir, à superfície da expressão, um tempo redescoberto, inundado de nosso passado vertido para as grelhas visuais e dizíveis de nosso próprio tempo. Imagens sobreviventes que se alimentam de um horizonte longínquo, despreziosas, entretanto, de restituir aquilo que foi tal como foi. Aqui, origem e original se subordinam aos inumeráveis começos, a cada dia o pão nosso precisa de ser inventado para que não nos quedemos na inércia do já feito e do já dito, na passiva posição de atores a-políticos, sem manifestação das forças ativas do pensamento, apenas fixados no que se passa diante deles, sem que se possam elucidar se algo passa, ou se algo realmente lhes acontece. Escrever, neste a-posteriori do que se passa, refere-se, em nossa acepção, a uma segunda chance àquilo que, mesmo tendo acontecido, ainda se reserva a um lugar de silêncio. Escrever o que nos acontece se traduziria como o laborioso trabalho de pensar sobre o que se passou. Trata-se, pois, sempre de uma nova inscrição de sentido às vivências solipsistas de um sujeito, a algo que possa vir a ser comunicável a outros mais, que possa fazer parte dos círculos discêntricos de um ego fixado em sua interioridade. Na escrita, a experiência do Fora se manifesta como elo com o mundo do outro, lateja a alteridade mesmo que ao preço da despersonalização de seu autor. Consideramos, desse modo, que nos situamos sempre insuficientes diante do Olho da História, quando a verdade que conseguimos proferir das legibilidades que se desprendem do que lemos e vemos sempre se mostra relativa, expressando-se como efeito de um certo momento atual que vivenciamos e que nos diz o que nosso corpo pode naquele momento.

Amoras: ao sabor cartográfico

– Majestade, podeis chamar logo o carrasco. Pois, na verdade, conheço o segredo da omelete de amoras e todos os ingredientes, desde o trivial agrião até o nobre tomilho. Sem dúvida, conheço o verso que se deve recitar ao bater os ovos e sei que o batedor feito de madeira de buxo deve ser sempre girado para a direita de modo que não nos tire, por fim, a recompensa de todo o esforço. Contudo, ó rei, terei de morrer. Pois, apesar disso, minha omelete não vos agradará ao paladar. Pois como haveria eu de temperá-la com tudo aquilo que, naquela época, nela desfrutastes: o perigo da batalha e a vigilância do perseguido, o calor do fogo e a doçura do descanso, o presente exótico e o futuro obscuro (BENJAMIN, 1995: 219 – 220).

Cozinhar uma omelete de amoras é dar-se conta de que a experiência é sempre única, pois atravessada por um tempo e um espaço composto por cristais que modificam a receita e a tomam por um novo sabor, não permitindo que a mesma se repita pelo já experimentado. Omeletes são como escritas que nunca se fazem do mesmo modo, pois sempre compostas por um campo sensível impossível de apreender, campo este que espera no tempo como poeira, como cristal. Impossível não ganharem o invólucro do sopro do presente, risco que corta e atualiza o lugar de histórias, esse arquivo com o qual a criança brinca. Com olhos gazeados é o corpo que vibra e se encontra com a escrita, com o instante da impossibilidade testemunhal de um texto facilmente falseável, feito ressonância dos tilintares que faz a cristaleira. Para além do arquivo, ou seja, para além da memória do que passou, a escrita segue o fluxo do tempo-espço, transmissão sensível de algo que pulsa, versos de uma música que se gestualiza entre o som estridente do arquivo e o murmúrio arritmico do testemunho. Vibrações que percorrem a sala.

Enquanto a experiência estremece o corpo, o texto faz desprender outro olhar – este que nos olha –, marcando a matéria com buracos: inconfessáveis inacabamentos. A experiência e a experiência de testemunhar ganham ar de suspensão, de um olhar que se lança a um território existencial e o registra com o olho, a câmera e o corpo câmera-olhar. Assim como Barthes toma a fotografia, o testemunho toma certo modo de escrever a experiência, fragmentos do encontro entre a ficção e o real, entre o imaginário e a história. “Seja o que for o que ela dê a ver e qualquer que seja a maneira, uma foto é sempre invisível: não é ela que vemos” (BARTHES, 1984: 16). Uma foto é ruína, assim como a escrita é tomada enquanto possível imagem permeada pela névoa, pelos destroços, pela impossibilidade de dizermos o que estamos vendo como única visão. Pois, quando nos colocamos entre as ruínas, não são apenas presenças que se desprendem, mas tessituras da experiência feitas em metamorfoses silenciosas, escritas com uma vela em papel branco para marcar o apagamento da escritura, aquilo que ela potencializa e torna-se abertura para a criação. Nessa instância, tudo que é entrelinha de um “tempo reencontrado” pode se tornar outra coisa, ponto em que, pouco a pouco, a escrita floresce em ventos intensivos que guiam a narrativa imaginativa à leviandade da expressão ou a qualquer outro lugar, na deriva deste grande mar de cristais em constante vibratibilidade que flutuam em sabores singulares, onde nos colocamos na posição de cartógrafos-degustadores que criam paisagens enquanto experimentam as amoras da expressão.

Ateliê – parte 1

Estúdio de criação, um ateliê convida o artista a executar sua arte, naquele espaço-corpo que transborda. Como corpo que encontra e é encontrado, o artista passa a produzir inacabados, a buscar o tempo que se perdeu, encontrando-se com os devires que têm a ver com o desejo de produzir e expressar. Um devir-artista que não cessa de alcançar os imprevistos, de tornar-se mulher, animal ou molécula que encontra “a zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação tal que já não seja possível distinguir-se de *uma* mulher, de *um* animal ou de *uma* molécula” (DELEUZE, 2011: 11). Espaço-devir, o Ateliê de Escrita do Hospital Psiquiátrico São Pedro suscita o pensamento a viajar pelos arcaibouços da memória, acessar até mesmo o não-vivido, o impensável. Nestes rumores das ruínas, a poeira do arquivo ambulante que percorre e se inverte para uma lógica de testemunho é atualizada em recortes que ativam a força dos fragmentos e daquilo que insiste em retornar no presente. Adentrar um ateliê é conquistar o espaço e encontrar a memória em seus aspectos visual e figural da imagem, feita no movimento de afetação do presente. Aquilo que toca o corpo do fazer artístico e o que surge enquanto expressão daquela cena onde, enquanto catadores, buscamos o pó esfarelado dos cristais do tempo, quando nosso impulso nos levou a derrubar a cristaleira da loucura.

No quarto pavilhão do HPSP, mal se consegue ver o portão que leva à Oficina de Criatividade; estamos ainda longe, em nossos primeiros passos palmilhando a imensidão. Adentramos e lançamo-nos às escadas, o coração palpita, a respiração ofegante, o pensamento à espreita. No pátio já temos uma prévia do tempo que encontraríamos lá dentro, quando certa umidade no ar fazia os cabelos ficarem em pé. Na abertura da porta à esquerda, o primeiro encontro: uma porta de madeira pintada reserva a sensação de profundidade da entrada; como uma cebola que se desfaz em camadas, aquela porta comporta outra camada e, quem sabe, outras tantas que darão a ver outras dimensões. Na verdade, a aventura ao encontrar aquela nova “entrada” é de constantemente colocarmo-nos a inventar estratégias de intervenção que desestabilizem, primeiramente, nossa intenção marcadamente acadêmica: escrever. E aquela porta na porta lembra-nos de que “a solução de um problema se confunde com a criação de um outro problema. É por isso que podemos dizer que na clínica importa muito mais a

criação de novas entradas do que a “descoberta” de saídas” (PASSOS; BENEVIDES, 2003: 85).

Com o passar do tempo, agarradas àquela imagem intensiva, alguns vultos deformam-se diante do olhar. Nas paredes revestidas de azulejos, os fantasmas do passado despregam-se pelas frestas, colocando-se em suspenso para compor com os clarões do presente. Do novo sentido dado à sala outrora destinada às cirurgias, outro sentido cola-se àquela paisagem. Uma paisagem, assim como potência de encontros, território híbrido de vidas entrelaçadas numa trama atelial de uma dupla temporalidade em suspenso: de um outrora anacrônico, e de um agora guiado pelos possíveis relâmpagos de uma inteligibilidade colocada no presente. Neste encontro inaugural, uma experiência de corpo desdobra-se em memória afetiva, memória trazida à superfície pela inquietude das águas do mar que levam e trazem de volta à praia as oferendas a Iemanjá, corpos à deriva. Desviantes que somos, estreitamos o espaços, carregamos um pouco do destrutivo à sala, em que os elementos do meio cindem sobre os traços dispersos dos corpos intentos à criação, colocando em suspenso qualquer coisa que se valha do determinismo histórico: a vida faz-se então, intermitentemente. Vida em vagas luzes, entre claros e escuros, refugiada e ao mesmo tempo exposta, mas agora sob a condição de suas próprias potências e não mais pelo faróis cegantes da razão moral e ajuizadora.

Na potência desse encontro, estamos no Ateliê de Escrita, já fazendo parte dele. Já somos Ateliê, pensamos e respiramos os ares que aquela sala proporciona e vivemos a experiência singular da produção das incertezas: como abrir-se ao plano dos afetos e captar as intensidades daquilo que se passa entre os destroços? Que produções emergiriam na superfície da escrita? Quais encontros se tornariam potências? Como narrar essa experiência? Em direção ao deslocamento das margens, algo sempre parece transbordar: talvez o cheiro, o som, a vibração, as ressonâncias, os tilintares insistentes; talvez nada ou tudo ao mesmo tempo. Estando ali, em devir, só nos resta embebermos de palavras, de azulejos frios, de cadeiras tortas, dos ladrilhos do chão. Restando isso e talvez nada, quem sabe, ficariam os restos: de existência, prudência ou invenção. Sem nunca saber ao certo por qual linha estaríamos sendo conduzidas, apostamos no jogo simplesmente por jogar e decidimos, tal como Deleuze e Parnet, “ter um saco onde coloco tudo que encontro, com a condição que me coloquem também no saco” (DELEUZE; PARNET, 1998: 16).

Dos rastros

Em um primeiro momento, passamos quase imperceptíveis tateando o escuro. No segundo, fracassamos na intenção do traço. Dispostos os sujeitos em seus lugares, quase não-lugares, ajeitados aguardando qualquer ruído de desordem: catástrofe paisagística. Aqui e ali, alcançamos a velha janela manchada de tinta e de tempo, fazendo escorrer as horas que ainda se tem de vida e de morte. Horas nas quais os fragmentos repousam sobre nossos diários, horas em que estamos a bordo desta inelutável aventura do olhar onde as narrativas ocupam as bordas. Narrativas de vida que aprendem desde criança a não crescer e a crescer tanto que qualquer paradoxo torna-se ficção. Ao olhar da criança e do adulto, fazendo-se um e outro. Ao olhar artista disforme, dão-se a ver corpos fatigados de limites e transbordantes de arte. Fazem então uma tentativa de se colocar nas cristaleiras, dentro das janelas, dissolvendo-se, enquanto deixam marcas no solo, mesmo sem encontrar as esporas.

Se alguém pudesse ser um pele-vermelha, sempre alerta, cavalgando sobre um cavalo veloz, através do vento, constantemente sacudido sobre a terra estremecida, até atirar as esporas, porque não fazem falta esporas, até atirar as rédeas, porque não fazem falta rédeas, e apenas vis e diante de si que o campo era uma pradaria rasa, teriam desaparecido as crinas e a cabeça do cavalo (KAFKA, 1965: 47).

Sem crinas ou cabeças, pobres cavalos! Cavalo pele-vermelha que também é o ateliê do artista, aquele dispositivo que o índio vem dispensar após ter sentido a velocidade da terra estremecendo. Ali, ele se integra e se funde ao cavalo, segue completamente agenciado ao veículo que o transporta, como no nosso caso do Ateliê e o próprio ateliê como cavalo. Devir-cavalo do índio, devir-louco, da dupla louco-ateliê. Cabeças vazias que retiram suas memórias inventadas para fugir do clichê da língua, o que não significa que não encontramos línguas em hipódromo de cavalos sem cabeças, mas há o desejo de fugir de todo aquele ímpeto colocando no prego a precaução. Para isso, um cabide nos serviria, ou uma pá, quem sabe, pudesse se tornar cabide, ou um arame velho, ou um lápis colorido. Precaução para escrever e falar, assim como para esconder ovos de Páscoa: “quanto mais aéreo um esconderijo, tanto mais engenhoso. Quanto mais livremente estiver exposto a todos os olhares, tanto melhor” (BENJAMIN, 1987: 237). Viria, então, a arte perfurar os esconderijos da memória? Seria, então, o Ateliê-pele vermelha uma grande cristaleira que vibra nos esconderijos do tempo?

Pequeníssimos sinais que fazem a criança descobrir as pegadas que levam aos esconderijos talvez sejam os mesmos que a simplicidade da escrita faz para ganhar o

mundo. Sinais, riscos, traços, palavras grosseiras, uma fatia de pizza velha que salva o almoço, assim como o historiador salva o passado para o presente quando o toma enquanto promessa de realização não efetuada. Além disso, a salvação poderia ser um rastro daquilo que o sujeito faz por si mesmo, buscando, sempre, um outro possível para sua vida, para sua loucura. Então, quer-se que esse troço chamado escrever fuja de seu próprio campo, atirando-se em qualquer esconderijo que o torne marginal, perdendo o círculo de palavras que aprisionam os cérebros que não vão bem. Escrever qualquer estupidez, um fracasso qualquer, uma síntese poética, um romance cheio de frescuras ou qualquer blábláblá que pelo menos, e ao menos, disseque intensidades.

Das escritas intensivas dos “escritores-esquizes” (FONSECA, 2014) às vivências cotidianas do Ateliê de Escrita, matérias sensíveis vão se fazendo: são aqueles vidrinhos quebrados, pequenos fragmentos, sopros singulares que expressam um lugar incomum, colocando-se longe dos velhos arquivos que ainda não foram perfurados pelas traças. Esse arquivo, por sua vez, é todo perfurado, cheio dos buraquinhos que desviam o discurso e considera que há uma poética no delírio e que também deliramos quando somos acometidos pela poesia que nos olha e nos impele a escrever, buscando, ali, uma possível salvação.

Sobre fragmentos, sobre loucura e sobressaltos: pequeno dicionário de um deslocamento

Fragmentos: pedaços dispersos de escrita, tocos de árvores perdidos na floresta, paixões perdidas, papel rasgado, escrever em guardanapos.

Loucura: fugir do padrão, inventor de mundos.

Sobressaltos: um susto, inesperado. Algo está acontecendo!

Ateliê – parte 2

Expressão dos encontros que, entre palavras e gestos, fazem habitar outras paisagens na roda disposta pelas cadeiras. Gira, gira, gira para fazer escutar os silêncios: ato de testemunhar outra composição (im)possível. Assim, vidas potencialmente inundadas pela força da cristaleira sonora, sedentas pelos vazios que fazem proliferar as vozes. No meio disso tudo, encontramos-nos com as ruínas, inventamos ruínas, catamos restos dos vidros que nós mesmos quebramos e, juntos, ansiamos pequenas revoluções, feitas literatura menor, advinda de vozes menores que fazem falar para além de qualquer

enquadramento ou diagnóstico. É como se a sala emprestada ao Ateliê fosse descolada do Hospital Psiquiátrico São Pedro para movimentar-se nas superfícies debaixo da terra, alcançando o infinito dessa força singular.

Força incutida nas paredes que escondem, debaixo de seus silêncios, os murmúrios que compõem, singulares e instantâneos, tal qual o pensamento, tal qual o prazer da escritura, uma duração que nos faz perguntar: produzimos silêncios no ato de escrever? No tempo que resta, experienciamos os pormenores da vida, as insignificâncias, aquilo que passa entre e que nos libera a perfurar outras possibilidades, outras pegadas de cavalos. Balas, pipocas, bonecas, galinhas, corpo amoroso, tesão, um quarto, gritos, tênis novo, almoços no Clube, árvore de amoras, morte, homenagem, coral, cansaço, nada a dizer, nada a escrever, café, filmagens, poemas em branco, hipnose, loucura, louco esperto, de pernas pro ar, amizade, almoço na padaria, sacola extra grande, fotos, registros, endereços, papel amarelo, cadernos, ler em voz alta, batimento cardíaco, ratos, janelas: duração do Ateliê de Escrita que não cabe no tempo do relógio, mas que carregamos como restos e deixamos como rastros da areia que ficou debaixo do sapato.

Nesse rastro, o Ateliê ganha seu estatuto de menor, assim como um certo tipo de literatura: “menor não qualifica mais certas literaturas, mas as condições revolucionárias de toda literatura no seio daquela que se chama grande (ou estabelecida)” (DELEUZE; GUATTARI, 2014: 39). É aí que o Ateliê de Escrita do HPSP torna-se possibilidade de escrita viva, apaixonada, território privilegiado para a desterritorialização, assim como a areia fora da praia, debaixo dos sapatos, ganha lugares inéditos. Por isso, estando ali, compreendemos que escrever é arte do afeto e que as engenhocas inventadas na escrita têm aval para sair do corpo, da praia, do pensamento, resistindo feito ruínas e rastros, feito murmúrios que deixam em suspenso nossa capacidade de olhar e olhar além.

Busca-se, assim, uma leveza que permita reinventar vidas com a precaução necessária, leveza posta nos balões que o Sr. Calvino amarra no seu dedo para carregá-lo por toda a cidade: no transporte público, coloca o balão acima da cabeça das pessoas; no banheiro, enrola o fio na maçaneta. “E a quase insuperável fragilidade do balão obrigava ainda a um conjunto de gestos protetores que lembravam a Calvino a pequena distância que existe entre a enorme e forte vida que ele agora possuía e a enorme e forte morte que andava sempre, como um inseto desconhecido mas ruidoso, a cada momento a circular em seu redor” (TAVARES, 2007: 17). Frágeis balões; frágeis existências.

Diário de bordo de um testemunho apaixonado

Dia 01 de outubro de 2014, quarta-feira, 13 horas e 30 minutos. Ateliê de Escrita do Hospital Psiquiátrico São Pedro.

No primeiro encontro com o Ateliê de Escrita do HPSP, sofremos um sobressalto ao nos depararmos com o desconhecido. Sobressalto que nos fez derrubar a cristaleira, encontrarmos-nos diante dos destroços do tempo e das ruínas que a compõem. Tentamos imaginar o que estaria por trás daquela porta e efetivamente como seria essa arte de escrever num ateliê, essa composição menor que se configura como espaço de construção e costuras cheia de desafios. Fingimos ter recebido um convite para testarmos em nós um arcabouço testemunhal que insurge do diário que compomos e dos fragmentos que resgatamos a cada novo mergulho. Naquele momento, pudemos sentir o vento arrastando o primeiro calorzinho da primavera trazendo um estado de brisa, ao mesmo tempo, um vendaval incompreendido que carregava para longe nossas velhas certezas. Nossas pernas nos levavam para um único lugar, mas nossas cabeças nos levavam sei lá pra onde. Tínhamos entendido, finalmente, a sentença: no curto espaço que nos restava, era necessário contar histórias, às vezes tomadas pelo real inventado, às vezes apenas inventadas. Loucura total: pensamos por um minuto, e acertamos o acaso. Sentimos fome e desejamos fortemente uma omelete de amoras, mas só foi possível devorar palavras e experimentar, no gosto exalado, a impossível tarefa de testemunhar o vivido, os grãos de areia que não poderíamos refazer em janelas nem em copos, mas subvertemos os sentidos para experimentar outros cozimentos.

Na cozinha da criação, uma maquinaria impressionante veio calar a grande massa: uma espécie de flechas produzidas pelos cristais atravessava os corpos, ensanguentando o chão quadriculado que ganhou outra cor. Houve um momento de calar, até o instante em que o pássaro fugiu da gaiola. A liberdade veio acompanhada pela resistência a toda moralidade e normatividade, enquanto os fantasmas despertavam de dentro das canetas empoeiradas, ganhando errância no papel. As palavras se soltavam como as folhas no jardim e aquela fome que não passava tomava o estômago por um vazio enquanto escrever traz essa sensação do inapreensível à razão e ao olhar que flertava com a areia que o encobria e o inquietava. Partículas a-significantes se teciam nos encontros, simplesmente para desembulhar essa liberdade inapropriada ao mundo feroz do consumo, escapando para rasgar as bulas. Sentadas ali, podemos ver as

mãos apressadas a compor alguma coisa, para alguém de algum lugar, ou para nada, simplesmente para escrever, como fazia Clarice Lispector: escrever para salvar sua vida (1999).

Salvar a alegria de encontrar-se ali em riso com a fuga dos vaga-lumes, com os voos ligeiros que deixam escapular das mãozinhas das crianças as luzes intermitentes para irem cortar mais uma vez a escuridão da noite. Cristais e vaga-lumes que ainda sobrevivem porque olhamos para eles e que nos falam de nossas pequenas sobrevivências ao revidar o olhar, ao criarem nesse movimento um “entre” contido de um choque pelo qual somos impelidos a criar um instante de escrita, enquanto também somos criados por ela. Tornamo-nos, dessa maneira, cúmplices das ruínas quando deixamos mais uma vez a noite adentrar a escrita, cúmplices dessa experiência de salvamento que rompe a linha do tempo onde “haverá apenas sinais, singularidades, pedaços, brilhos passageiros, ainda que francamente luminosos” (DIDI-HUBERMAN, 2011: 43). No choque produzido nos encontros com o escritores-esquizes do Ateliê de Escrita do HPSP, produzimos personagens que dançam pelos contornos da noite, dançam em cima dos cacos da cristaleira até o ponto em que um outro contorno se faz, um novo tilintar que vem assombrar nossos testemunhos com paisagens possíveis à escritura e com diários cheio de rastros em apagamento.

Na dança apaixonada de quem se aventura a escrever com a ponta do cristal, somos convocados a fazer do tempo um reservatório de vaga-lumes, reservatório onde as palavras têm a permissão de perderem-se na noite da escrita, essa noite que Blanchot (1987) diz não esperar pelo dia, mas uma noite-noite que, em plena escuridão, deixa acender pequenos instantes luminosos nos quais se faz a obra. Tais instantes viriam então, acompanhados por novos sentidos, por uma visão parcial e fugidia que incorre à trapaça da pura gramaticalidade da palavra, revelando, na noite atelial, uma fagulha enquanto potência agramatical, um não-dito que permanece nos fragmentos e que deixa florescer nas escrituras uma inscrição que não se fecha, não se totaliza, mas ressoa por seu inacabamento. Desta mistura, não haveria um único modo de adentrar a noite, mas um contínuo que se faz grama e que se deixa encharcar pelas entranhas do mundo. Por isso, de quando em quando é preciso quebrar a cristaleira e, de pés descalços e ensanguentados, percorrer os cacos e encontrar os rastros do que restou.

Referências

- BARTHES, Roland. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BENJAMIN, Walter. Canteiro de obra. Em: BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. Obras escolhidas II. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 18-19.
- BENJAMIN, Walter. O caráter destrutivo. Em: BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. Obras escolhidas II. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 235-237.
- BENJAMIN, Walter. O coelho da Páscoa descoberto ou Pequeno Guia dos Esconderijos. Em: BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. Obras escolhidas II. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 237-239.
- BENJAMIN, Walter. Omelete de amoras. Em: BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. Obras escolhidas II. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 219-220.
- BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.
- DELEUZE, Gilles. *Cinema 2 – A imagem-tempo*. Trad. Eloísa de Araújo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Trad. Peter Pál Pélbart. 2.ed. São Paulo: Ed. 34, 2011.
- DELEUZE, Gilles. *O abecedário de Gilles Deleuze*. Entrevista com G. Deleuze. Editoração: Brasil, Ministério da Educação, TV Escola, 2001. Paris: Éditions Montparnasse, 1997, VHS, 459min.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Trad. Cíntia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2014.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Trad. Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. Trad. Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Trad. Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- FONSECA, Tania Mara Galli. Escritas em azul. Em: FARINA, Juliane Tagliari; GARAVELO, Leonardo Martins Costa; FONSECA, Tania Mara Galli (Orgs.). *Exercícios de uma literatura menor: um olhar atelial*. Porto Alegre: Museu da UFRGS, 2014, p. 9-12.
- GUATTARI, Félix. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- KAFKA, Franz. *A colônia penal*. São Paulo: Livraria Exposição do Livro, 1965.
- KASTRUP, Virgínia. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. Em: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2010, p. 32-51.
- LISPECTOR, Clarice. *Um sopro de vida*. (Pulsações). Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

PASSOS, Eduardo; BENEVIDES, Regina. Complexidade, transdisciplinaridade e produção de subjetividade. Em: FONSECA, Tania Mara Galli; KIRST, Patrícia (Orgs.). *Cartografia e Devires: a construção do presente*. Porto Alegre: UFRGS, 2003, p. 81-89.

TAVARES, Gonçalo M. *O Sr. Calvino*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

WOOLF, Virgínia. *O tempo passa*. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

Érica Franceschini
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
E-mail: ericafranceschini@hotmail.com

Tania Mara Galli Fonseca
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
E-mail: tgallifonseca@gmail.com